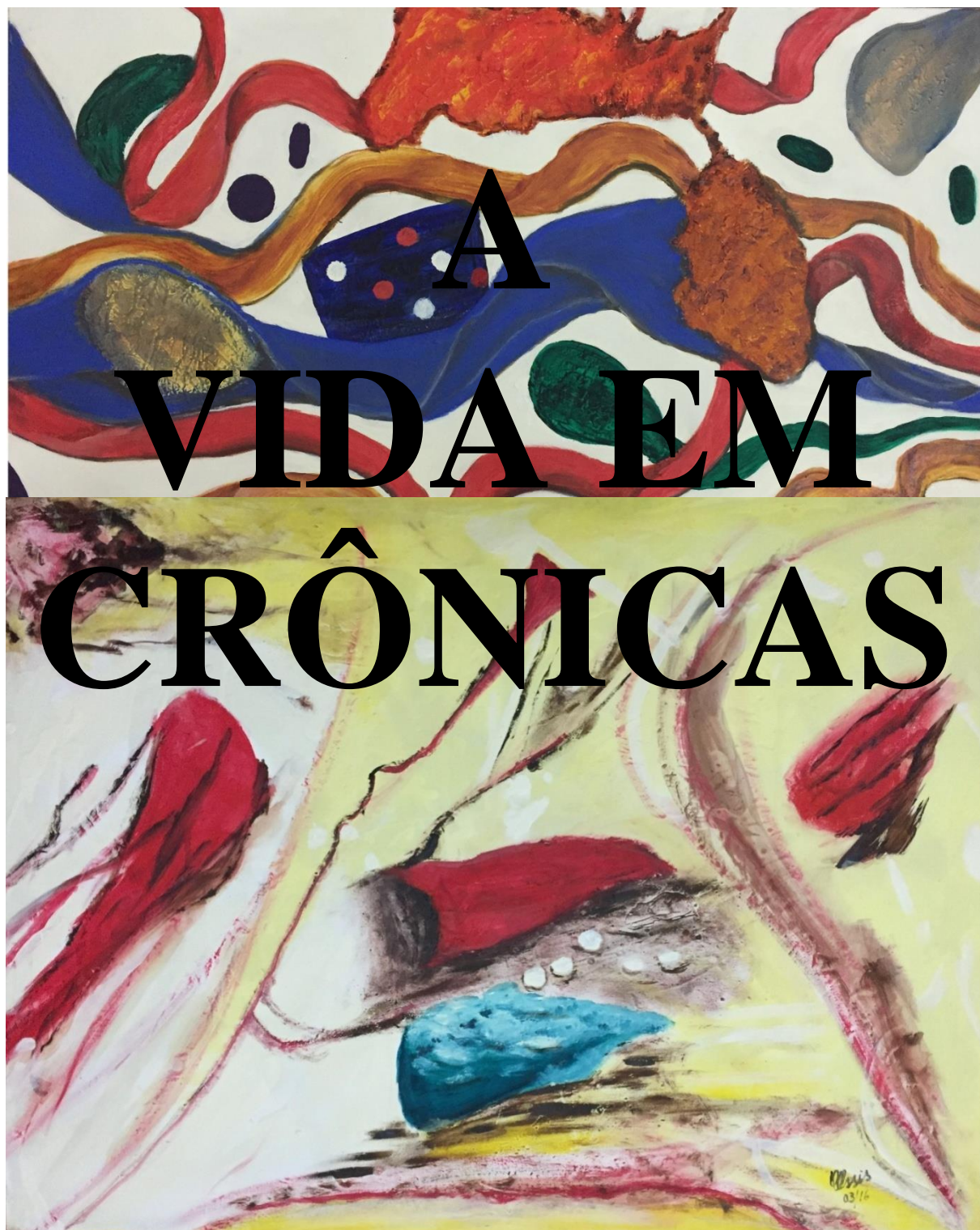


LUÍZA C. DE A. LADEIRA



Título: A Vida em Crônicas  
2016, Luíza C. de A. Ladeira

Arte da Capa: *Alea Jacta Est* e *Índico*, respectivamente, de Conceição Assis.

**Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida  
ou transmitida sem a autorização prévia da autora.**

A Vida em Crônicas/ Luíza C. de A. Ladeira – Campinas, SP: 2016.

## QUANDO EU CRESCER, VOU QUERER SER CRIANÇA

Quando eu era criança, achava que só poderia ser livre quando crescesse. Eu vivia ansiando pelo dia que faria dezoito anos e então sairia de casa e faria o que quisesse. Ninguém poderia me dar broncas, ninguém poderia me dizer o que fazer, o que não fazer, ninguém me colocaria de castigo e nem me proibiria de nada.

Seria perfeito.

Apenas eu e o que quer que me viesse à mente. Eu viajaria pelo mundo, seria veterinária, atriz ou até mesmo bailarina – só não seria médica, porque médicos não têm tempo pra nada. Viveria em minha própria casa, com as minhas próprias regras.

O meu maior sonho, além de crescer logo, era ter uma varinha de condão igual à da fada madrinha. Com ela, eu realizaria todos os meus desejos: ficaria rica e famosa, teria as bonecas que quisesse, salvaria todos os animais e, é claro, acabaria com a maldade no mundo.

E então o dia chegou. Não vou dizer que passou rápido porque, sinceramente, demorou muito. O tempo tem uma maneira irônica de passar. Quando estamos nos divertindo, ele corre; quando estamos ansiosos, ele flutua lentamente como uma nuvem no céu. Mas passa. E passou.

E depois que eu fiz dezoito anos, percebi que não morava sozinha, não era rica nem famosa, nem sequer queria ter bonecas, não tinha salvado todos os animais e a maldade no mundo... bem, essa história você já conhece.

Porém, eu estava certa em relação a uma coisa: eu podia fazer o que quisesse. Mas, diferente de como imaginei com seis anos, não era livre. Percebi que liberdade é mais sobre ser responsável do que fazer qualquer coisa que se queira. Percebi que, à medida que crescemos, as exigências e opressões da sociedade ficam cada vez mais fortes. Percebi que, apesar dos limites físicos, minha versão infantil era muito mais livre do que a de hoje.

As crianças podem fazer o que quiserem. Apesar de terem pais para podar suas asas, estão sempre voando dentro de suas mentes. Pensam o que querem sem que a “voz da consciência” as atormente com repreensões. Se querem dançar no meio da rua, dançam. Se querem fingir ser um astronauta, fingem. Se querem sonhar que vão crescer e colecionar estrelas, elas sonham e ninguém lhes diz que isso é um sonho estúpido, ninguém lhes diz que dançar na rua é ridículo, ninguém lhes diz que elas nunca vão conseguir ser o que querem ser.

Mas os adultos, apesar de fisicamente livres, são presos em suas mentes. E quando eu cresci, comecei a ouvir que nunca vou mudar o mundo, que não vou salvar animais, que não

vou ser feliz. Porque a vida adulta é cheia de problemas, cheia de decepções, cheia de responsabilidades. Porque os adultos são grandes demais para sonhar.

Ah, como eu queria ser criança.

Mas sorte minha que sou teimosa e vou te provar isso agora mesmo. Ainda em minha doce fase pueril, ganhei uma daquelas fitinhas que os adultos disseram que me daria três desejos. Bem, eu não lembro quais foram os outros dois, mas um deles foi minha varinha de condão. O lado ruim da fitinha, porém, era que seus desejos só se realizariam se ela arrebentasse *espontaneamente*. Não vou mentir, foi difícil esperar. Eu frequentemente a encarava em meu pulso, perguntando se todo aquele tempo valeria a pena. Não me faltaram adultos dizendo para cortar o lacinho porque toda aquela história de desejos era bobagem. Mas eu teimei e passei três anos – sim, três anos! – com aquela bendita corda vermelha no braço, tudo pela minha varinha de condão. E quando ela finalmente arrebentou, você acha que minha espera foi recompensada?

Ora, tenha um pouco mais de fé, meu-bem! É claro que sim!

Eu não percebi isso na época, de fato. Fiquei extremamente decepcionada, mas, verdade seja dita, eu recebi minha varinha de condão. Não era um palitinho rosa com uma estrela na ponta como eu imaginei com seis anos de idade, mas uma coisa muito mais bonita e difícil de usar: atitude.

E vou te dizer uma coisa, o mundo está cheio de pessoas que perdem antes de tentar, cheio de desistentes que, porque não tem ousadia e persistência o suficiente para irem atrás do que desejam, tentam desmotivar os outros para não se sentirem tão infelizes. Não julgue mal a essas pessoas. Elas não são assim por maldade, muitas vezes é porque não souberam como ser diferente.

Mas você não precisa ser assim. Se tem uma coisa que eu aprendi com a minha infância é que liberdade é uma questão de espírito, ela vem de dentro antes de vir de fora. Ela está aí, dentro de você, dentro de mim, esperando que nós a encontremos. E se tem uma coisa que eu aprendi com minha juventude é que só você pode impedir que seus sonhos se realizem, porque, acredite em mim, quando estamos determinados a conseguir alguma coisa, não existe tempo fechado, pneu furado ou internet ruim que nos faça desistir.

Você pode mudar o mundo. Na verdade, você faz isso todos os dias. O mundo é diferente porque você está nele, mas é sua escolha se essa mudança será para melhor ou pior. Eu posso te garantir uma coisa: o mundo é o que a gente é. Se nós formos bons, o mundo será bom, mas se nós formos ruins, só nós nos prejudicaremos.

E se nós nos comprometemos a tentar ser melhores a cada dia, o mundo também o será. A vida me ensinou que só existem dois dias em que não podemos fazer nada – e eu não estou falando de domingo e segunda-feira, mas de ontem e amanhã. Enquanto houver um hoje, haverá uma chance. Por mais que o tempo esteja fechado, e o pneu furado e a internet não pegue de jeito nenhum, não existe sonho impossível para a varinha de condão chamada atitude.



## O PREÇO DO AMOR

Tem pessoas que acreditam que as melhores coisas da vida são de graça. Não concordo. Nada nesta vida é de graça. Nadinha, nem mesmo uma moeda de um centavo, ou um bom dia. Tudo tem um preço, por menor que seja.

Vou te contar uma história minha para ilustrar isso. Há alguns meses atrás eu encontrei dois pequenos gatinhos que mal chegavam a duas semanas. Estavam doentes, sujos e famintos. Um deles partiu por conta de erro da veterinária – nunca deixe alguém alimentar seu filhote por sonda –, mas cuidei do que sobreviveu como uma mãe cuida de seu bebê.

Todos os dias eu acordava de madrugada para preparar seu leite. Esterilizava a mamadeira e a água enquanto tentava acalmar a pequena criatura, que nunca deixou de chorar para ser alimentada. Passei noites acordada, segurando-o e cantarolando para que não chorasse, e o tempo todo verificava se ele estava quentinho, limpinho e alimentado.

Dei-lhe o nome de Orpheu, o deus da música e da poesia.

Pois bem, depois de mamar, Orpheu gostava de dormir em meu colo, com a cabeça encostada em meu pescoço, hábito que mantém até hoje. E, vou te contar, é um hábito que dói.

Orpheu hoje é um gato grande e gordinho que pula no meu colo e escala meu corpo com suas garras afiadas para que finalmente possa se enroscar em meu pescoço para dormir com um verdadeiro cachecol que ronrona e baba.

Desde que aprendeu a brincar, não passa um dia sem que meus braços estejam sem cicatrizes e cortes, sem que minhas roupas estejam sem furinhos de suas garras, e ele ainda por cima é um arranhador de sofá, rasgador de sacos plásticos, maníaco por prendedores de cabelo e um verdadeiro alpinista de estantes.

Não é nada fácil. Mas acreditem em mim: vale a pena.

E é basicamente por conta disto que este texto foi escrito.

Tudo nesta vida tem um custo, principalmente o amor. Não é fácil amar e seu ato sempre virá acompanhado de sofrimento, não importa o que dizem os filmes de princesa e as comédias românticas.

Amar é doar-se para alguém, é sofrer por alguém e fazê-lo pelo simples querer em fazê-lo. E quanto mais conhecemos e convivemos com as pessoas, mais elas nos machucam. Por mais que tentemos evitar, nenhum de nós é perfeito e, mais cedo ou mais tarde, nossos defeitos vão aparecer e ferir os que estiverem próximos.

Você já parou para pensar em tudo o que aguenta pela sua família, por exemplo? Todas as críticas, todas as brigas. É possível que nenhuma pessoa tenha te ferido tanto quanto as da

sua família, mas também é possível que nenhuma pessoa tenha te amado tanto e te protegido tanto quanto as da sua família. Certo?

E o que eu posso dizer? Todas as pessoas vão nos machucar. Relacionamentos superficiais trazem feridas mais superficiais, e relacionamentos profundos trazem feridas mais profundas. A única maneira de evitar isso é livrar-se completamente de qualquer tipo de relação com outro ser e isso é bastante difícil.

Pior do que ser torturado é saber que a pessoa que você ama foi torturada. Pior do que ter câncer terminal é a pessoa que você ama com câncer terminal. Pior do que sofrer é ver a pessoa que você ama sofrer. E pior do que isso é quando você não pode fazer nada para ajudá-la.

Nós não podemos escolher se seremos machucados ou não. Nós seremos. Mas podemos decidir por quem vale a pena ser ferido, podemos decidir quando vale a pena suportar o defeito de alguém para ter sua presença, mesmo que isso custe algumas cicatrizes e roupas rasgadas. O amor é feito de sacrifícios. A convivência é feita de sacrifícios.

Afinal, por mais que eu passe o dia tirando as unhas do Orpheu do sofá, seu corpo das prateleiras e seus dentinhos dos chinelos, quando ele se aconchega no meu colo e ronrona, eu sinto que tudo isso vale a pena.

## O DESAFIO DE COMER PÃO NO SÉCULO XXI

Até pouco tempo atrás, eu não conseguia engordar. Verdade. Eu poderia viver de pizza e batata frita que continuaria cabendo em um 34, acredite se quiser. Mas ao contrário do que possa parecer, eu não gostava da minha aparência magricela, de sempre estar abaixo do peso e não poder doar sangue por conta disto. Além do mais, minhas amigas sempre me olhavam de cara feia quando eu dizia que estava tentando engordar enquanto elas queriam emagrecer.

Mas-porém-entretanto, por alguma ironia do destino, isso tudo mudou quando entrei na faculdade. Engordei 4 quilos em apenas dois meses! E nem me pergunte como. Só posso dizer que, apesar de querer engordar, não consegui me acostumar com aquela barriguinha que aparentemente surgiu do nada.

Fiquei preocupada com minha súbita mudança de peso. Conversei com médicos e decidi emagrecer. Nada de biscoitos de chocolate, nem mesmo os integrais, nada de bisnaguinhas de cenoura, panquecas de aveia, pães de linhaça ou queijos de batata.

E foi daí que eu me toquei. Por que estou tão preocupada com uma simples barriguinha? Eu não sou saudável? Meus exames estão excelentes, minha alimentação balanceada, ainda caibo em todas as minhas roupas, até na calça 34. De onde vem todo esse nervosismo? Toda essa obsessão em emagrecer que eu nem sabia que tinha?

Bem, você já viu uma modelo sendo preparada para fazer propaganda de alguma marca? Pegam a garota, a enchem de maquiagens, pintam o cabelo, colocam apliques e a penteiam lindamente. Depois da sessão de fotos, aumentam os olhos e os lábios, afinam o nariz, removem todas as indicações de espinhas ou manchas. E então dizem que ela sim que é linda e que você deveria ser como ela. Mas me diga, como você poderia fazer isso se nem mesmo ela é como *ela*?

A cruel verdade é que: você não poderia. E é exatamente esta a questão. Você compra produtos e mais produtos que te prometem ser como ela, mas não consegue. Você se sente péssima/o<sup>1</sup> consigo mesmo e decide comprar outros produtos que garantem solucionar todos os seus problemas e te fazer perfeita/o, sem nunca se dar conta de que ser perfeita/o como a modelo na propaganda é uma meta inatingível, que este ideal é inalcançável e que tudo isto é para que essas empresas ganhem cada vez mais dinheiro.

E a magreza é algo que vende. São inúmeros remédios, cirurgias plásticas, vídeos de exercício, dietas malucas, *shakes*, aparelhos de ginástica e eu poderia passar o dia inteiro ci-

---

<sup>1</sup> A barra foi utilizada para que ambos os gêneros fossem incluídos. Embora haja a opção dos parênteses, considera-se que homem (e mulher) não soe tão igualitário quanto homem/mulher. N. A.



tando exemplos disto, mas não vou. Sabe por quê? Estou cansada de ter outras pessoas querendo determinar o que devo acreditar, como devo ser, o que devo comer. Estou cansada de me chatear com padrões de beleza.

Me diga uma coisa, quem pode determinar o que é belo? Isso é absurdamente relativo. Temos um padrão hoje que é diferente de 50 anos atrás, que é diferente de 100 anos atrás, que é diferente de 150 anos atrás. O que todos eles têm em comum é que o corpo perfeito sempre foi inacessível para a maioria das pessoas. Quando havia pouca comida, as gordinhas eram as preferidas. Quando há comidas industrializadas demais, cheias de gordura e açúcar, as bonitas são as magras e frágeis.

Bem, eu me recuso a continuar propagando isso. Nenhum de nós, seres humanos, é dono da verdade para determinar o que é belo e o que não o é. E nenhum de nós deveria continuar aceitando que outras pessoas decidam como devemos ser. Isso é absurdo e mais absurdo ainda é quando nós, inocentemente, nos deixamos ser influenciados por isso.

Olha o caso da cirurgia plástica, por exemplo. Eu tenho certeza que você conhece ou já ouviu falar de alguém que começou fazendo uma cirurgia plástica e logo ficou literalmente viciada/o nelas, querendo mudar tudo o que não gostava em seu corpo.

Eu não tenho nada contra cirurgias plásticas, e acho que quando elas nos farão se sentir bem, devem ser feitas mesmo. Mas quando queremos mudar tudo em nosso corpo, muitas vezes o problema não é externo, mas interno. E, na maioria dos casos, isso acontece porque não conseguimos aceitar a nós mesmos.

O que eu posso dizer? Antes de querer mudar alguma coisa em nosso corpo, devemos primeiro mudar nossa autoestima, simplesmente porque, às vezes, este é o problema. Porque, senão, vamos lá e mudamos e mudamos e mudamos, sem nunca ficar satisfeitos com nosso corpo porque por dentro ainda não aprendemos a amar a nós mesmos.

Aceite-se.

Antes de tudo, aceite-se.

E foi isso que eu disse a mim mesma. Apesar da minha barriguinha, meu corpo é o que me permite estar aqui, existindo, vivendo cada momento e, sinceramente, às vezes eu comparo os limites que eu tenho com os limites de outras pessoas e me sinto muito sortuda. Eu estou aqui, eu estou viva, eu posso andar e respirar e escrever isso pra você. Quantas pessoas não gostariam de estar no meu lugar? Quantas pessoas não gostariam de estar no seu lugar?

Uma barriguinha é um pequeno preço a se pagar, e hoje ela não me incomoda mais. Em meio à nossa sociedade que vive sempre buscando e exigindo a perfeição, principalmente a feminina, minha barriguinha é um “chega”, um “não”, um “eu não vou mais tolerar isso”. A

minha barriguinha será meu ato de coragem, minha ousadia em me olhar no espelho, e mesmo fora dos padrões, teimar em dizer que me amo e me aceito. Inteirinha.

## DOLL STORY

Na minha primeira ou segunda semana na faculdade, me deparei com um discurso ao ar livre sobre a inclusão das mulheres na educação. Até aí, tudo bem. Mas o que me chamou atenção foi a fala de um jovem sobre a maneira como as meninas são criadas. Segundo ele, as famílias criam suas filhas para serem bonitas e delicadas como uma boneca e que isso é um absurdo.

Não é de se espantar que esse jovem seja um homem, porque se ele tivesse brincado de boneca alguma vez na vida, nunca diria uma coisa dessas.

Vou explicar melhor essa história no caso de você estar na mesma condição desse rapaz. É o seguinte: quando eu era criança, não desgrudava das minhas bonecas. Passava o dia inteiro – e até a noite – com elas na mão, inventando histórias, trocando a roupa, cortando o cabelo, pintado o rosto e jogando-as de lá pra cá.

Todos os dias eu brincava com minhas bonecas e todos os dias eu as destruía.

As bonecas me ensinaram a ser forte e persistente. Por mais que eu as jogasse, mordes-se, pintasse e perdesse, no fim, elas sempre estavam lá para mim, elas sempre – ou quase sempre – aguentavam as pequenas e agressivas demonstrações de afeto de uma criança e me recebiam com seus sorrisos, ainda que coloridos com canetinha. Por mais que eu as desgastas-se, elas sempre estavam prontas para mim no outro dia.

E isso é muito parecido com que preciso fazer hoje e muito provavelmente você também. Todos os dias são uma nova luta a ser enfrentada, todos os dias nos oferecem desafios e obstáculos a serem vencidos, todos os dias nós vamos dormir cansados para depois acordar prontos para uma nova batalha. Lutar é ser forte. Não desistir é ser persistente.

As bonecas me ensinaram a ter auto-estima. Mesmo quando eu as trocava por outras ou deixava seus cabelos embaraçados, elas sempre estavam ali, com um sorriso, belas e maquiadas.

E ter auto-estima é isso. É achar que merece ser bela/o e cuidada/o, é ter consciência de quem tem valor, não importa como esteja seu cabelo, suas roupas, seus sapatos. É sorrir para si mesma/o ainda que ninguém mais esteja. E até em uma situação difícil, procurar se cuidar e se sentir bem.

As bonecas me ensinaram a me sacrificar pelos que amo. Quantas vezes já não cortei os cabelos de minhas bonecas e pinteí seus rostos? Várias. E elas me deram essa demonstração de amor ao permitir que eu o fizesse.

Quando amamos alguém nos sacrificamos por este alguém, nós priorizamos a felicidade dela/e ao invés de nossa; nós fingimos que estamos bem para não preocupar a outra pessoa; nós lutamos para que essa pessoa não lute; sofremos para que ela não sofra. Nem sempre, é claro. Nem sempre vale a pena, mas nós não fazemos? Ou melhor, não faríamos se fosse preciso? E isso, meu amigo, minha amiga, é amar.

As bonecas me ensinaram a ser feliz apesar de tudo. Mesmo com todas as coisas que sofriam, elas estavam sempre sorrindo e dispostas a continuar.

O que eu poderia dizer? A vida nunca vai estar perfeita. Sempre vai existir um problema, um cachorro abandonado, um vizinho chato, uma xícara de açúcar faltando. Se não aprendermos a ser felizes apesar das coisas que nos desagradam, nunca seremos. A vida também é um pouco disso: aprender a lidar com a vida. É o que temos para hoje e, muitas vezes, isso pode ser muito. Por que não podemos ser um pouco mais gratos por tudo o que recebemos ao invés de dar tanta atenção ao que nos falta? Por que não podemos colher as rosas mesmo com espinhos da existência? Você me responde.

As bonecas me ensinaram a ser fiel. Por mais que eu as jogasse e atirasse, elas sempre estavam ali para mim. Todos os dias, mesmo depois de anos e anos.

E quantas vezes não precisamos de alguém que simplesmente esteja ali para nós? Quantas vezes não quisermos ter alguém para abraçar, conversar ou até mesmo para chorar nos braços? É tão confortante quando sabemos que podemos contar com alguém para tudo, e melhor ainda é quando sentimos a satisfação de ajudar uma pessoa querida no momento em que ela mais precisava.

Às vezes tenho a impressão de que as amizades duram pouco. Talvez seja porque hoje podemos manter vários e vários amigos e então vamos ficando intolerantes aos defeitos dos outros, às opiniões contrárias, a qualquer coisa... Precisamos de pessoas mais fiéis.

E, por fim, as bonecas me ensinaram a sonhar. Foi com elas que imaginei minhas primeiras fantasias, criando uma vida para elas com base no que queria para mim mesma. E em meio a um mundo tão frio e cético, tudo o que precisamos são de sonhadores. Pessoas que têm esperança e que acreditam em um futuro melhor, e que, principalmente, trabalham para isso.

E é por conta dessas razões que eu acho que não só as mulheres, mas também os homens, deveriam ser um pouco mais como as bonecas. Tanto porque, apesar de tudo que minhas bonecas sofriam, no fim do dia, eu sempre penteava seus cabelos, as vestia com os melhores vestidos, as deitava em meu travesseiro e as cobria para dormir.

## O MELHOR É MELHOR QUE O PERFEITO

Você talvez vá se decepcionar comigo, mas não posso mais esconder isso: não sei o que escrever nesta crônica. Pronto, falei. Falei e falei. Na verdade, escrevi, o que é engraçado. Estou reclamando por não saber o que escrever enquanto escrevo.

Mas vamos prosseguir. Eu geralmente gosto de escrever crônicas, mas hoje estou cansada. Minha mente está longe das terras criativas e filosóficas que geralmente precisa ficar para que eu escreva. E como se não bastasse, nenhuma ideia inteligente ou diferente está me surgindo para que eu possa ter a esperança de impressionar você com os doces frutos da minha imaginação.

Mas cai entre nós: não estou impressionando ninguém, pelo contrário. Estou odiando cada momento em que fico sentada na frente desse computador apenas digitando as primeiras coisas que me veem à mente, palavra por palavra, só para preencher esta página. Não estou satisfeita com isso, não estou satisfeita com nenhuma das crônicas que estão aqui na verdade, e então decido que é sobre isso que vou falar.

Sobre nunca estar satisfeita com o que fazemos.

Eu sou um pouco perfeccionista e não vejo problema nisso, principalmente com minhas produções. Quero que tudo esteja harmonioso, bem escrito, diferente, no bom sentido. Quero escrever aquele texto que no final o/a leitor/a diz: nossa!

Mas sejamos sinceros aqui, quem não quer? Acho que todos nós gostamos da ideia de fazer algo de extrema qualidade, melhor do que ninguém, que impressiona até os mais céticos e rigorosos. Entretanto, exigir esse padrão em tudo o que fazemos pode ser um pouco exagerado, não acha?

Quero dizer, é claro que nós temos a capacidade de fazer coisas assim o tempo todo. Mas tais coisas levam tempo, muita experiência, paciência e revisão, revisão e revisão. Nem sempre nós podemos fazer tudo isso, nem sempre nós seremos perfeitos naquilo que fazemos, mas isso não é ruim.

Em primeiro lugar, todos somos humanos. Haverá dias em que seremos abençoados com as graças da inspiração, mas haverá dias em que ficaremos uma hora encarando a página branca sem conseguir ter ideia alguma. Isso é normal. Se começarmos a ser perfeitos em tudo vamos perder uma das coisas mais preciosas da vida, que é aprender e persistir e valorizar aquilo que conquistamos.

Todos os obstáculos que encontramos são oportunidades para refletirmos e melhorarmos. Não trate cada erro como uma sentença de morte, mas como uma aprendizagem. Cada

fracasso nos deixa mais perto do sucesso. E, mesmo que você não consiga concertar o erro cometido, há sempre uma nova chance de recomeçar.

Então eu digo isso a mim mesma e sorrio porque já completei uma página em branco e ainda com o bônus de ter escrito alguma coisa que pareça útil. Talvez esta não seja minha melhor crônica, mas é uma crônica que eu escrevi. Levei muitos anos de prática para conseguir produzi-la hoje; gastei uma boa quantidade de tempo da minha vida, de tempo que nunca terei de volta; e sinceramente, me diverti ao perceber que minha falta de inspiração me levou a algum lugar.

Então estou novamente encarando a página branca e me perguntando como finalizar essa crônica.

Sabe, quando eu estava no ensino médio, eu tinha uma professora que sempre dizia que nós nunca deveríamos finalizar um texto com uma pergunta, porque às vezes a pessoa que está lendo não concorda conosco.

Isso sempre me deixou um pouco chateada. Em primeiro lugar, eu não gosto de regras de escrita, acho que não devemos criar rédeas para a criatividade. Isso é muito complicado de se praticar e pode acabar gerando o terrível, apavorante e tenebroso bloqueio criativo. Em segundo lugar, eu estou aqui escrevendo uma crônica, abrindo meu coração e você, meu querido leitor, minha querida leitora, não vai concordar comigo? Não, eu não estou dizendo que você precisa concordar comigo, mas pelo menos pense no que estou colocando aqui ou toda a minha experiência e tempo gasto não vão servir para nada!

Ora, você foi o motivo pelo qual eu levantei hoje e comecei a escrever esse texto. Não quero pensar que você passou esse tempo todo xingando minha obra mentalmente, discordando até de onde eu coloco as vírgulas, para chegar no fim e me dar as costas por causa de uma pergunta.

Mas então me vem à cabeça que eu não vou pensar sobre isso. Estou aqui publicando minha opinião, por minha conta e risco, porque eu gostaria muito de poder compartilhar algo que eu acredito que seja positivo com você. Porque, no fundo, isso seria mais gratificante para mim do que ganhar um Nobel de literatura.

Esta crônica pode não ser perfeita, eu posso não ser perfeita, mas estou aqui porque quero acreditar que posso usar meu melhor lado para te ajudar a usar o seu melhor lado, e com isso nós faríamos um mundo melhor. É claro que não um mundo perfeito, um mundo com defeitos, com dias ruins, com fracassos, mas um mundo que a cada dia procura ser melhor. E por isso eu lanço este desafio para você: vamos tentar ser melhores a cada dia?